



<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma>
e-ISSN 2318-406X
Doi: <http://dx.doi.org/10.17058/rzm.v4i2.7651>



A matéria publicada nesse periódico é licenciada sob forma de uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional
<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



A circulação imagética midiaticizada: uma análise da imagem do Exército Brasileiro em disputa no Complexo da Maré



Bruno Garcia Vinhola¹

Resumo

No contexto de uma disputa intermediática pela produção da imagem do Exército Brasileiro durante sua atuação no Complexo da Maré (RJ), em junho de 2015, o artigo procura uma aproximação com o fenômeno da midiaticização focada na incidência de seus processos na circulação de imagens. Examina-se de que maneira circulou a imagem institucional no final da operação, a partir de dois eixos de análise: a heterogeneidade e a transversalidade das relações intermediáticas.

Palavras-chave: Midiaticização; circulação; imagem; exército.

Resumen

En el contexto de una disputa intermediática por la producción de la imagen del Ejército brasileño durante su actuación en el Complejo da Maré (Rio de Janeiro), entre 2014 y 2015, el artículo busca acercarse del fenómeno de la mediaticización enfocada en la incidencia de sus procesos en la circulación de imágenes. Se examina de qué modo ha circulado la imagen institucional en el fin de la operación, desde dos ejes de análisis: la heterogeneidad y la transversalidad de las relaciones intermediáticas.

Palabras-clave: Mediaticización. Circulación. Imagen; Ejercito.

Abstract

This article aims at approaching a mediaticization phenomenon focused on image circulation occurrence. Its context is the intermediatic dispute of the Brazilian Army image production at Complejo da Maré (Rio de Janeiro), between 2014 and 2015. In this article, it is examined how this institutional image circulated in the end of the operation, considering two analysis axis: the heterogeneity and the transversality of intermediatic relations.

Keywords: Mediaticization; circulation; image; army.

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Introdução

Rio de Janeiro, 30 de junho de 2015. Chega ao fim a Operação São Francisco, que consistia no emprego das Forças Armadas no Complexo da Maré, um conjunto de favelas historicamente conhecido pelo domínio do tráfico de drogas. O Exército Brasileiro encerra suas atividades na Maré após um período de mais de um ano no comando de uma Força de Pacificação (F Pac)², que tinha como objetivo o reestabelecimento da paz social na região. Depois de uma transição que durou alguns meses, a chamada Área de Pacificação passa a ser controlada pela Polícia Militar do Rio de Janeiro.

No contexto do acontecimento eleito, questiona-se: com que imagem o Exército Brasileiro deixa o Complexo da Maré? Propõe-se, então, um exame dos processos de circulação da imagem institucional nos dispositivos midiáticos por ocasião do final da Operação São Francisco.

Na construção do campo observacional, mergulhamos nos processos tentativos de construção imagética efetuados nos dispositivos midiáticos. Os produtos circulantes revelam uma diversidade produtiva considerável, o que leva à necessidade de um recorte na delimitação do *corpus*. Por isso, optamos pela organização dos processos de construção imagética com base na expressividade da produção.

Consideram-se três instâncias e suas respectivas visões do acontecimento. A primeira diz respeito à própria instituição: a imagem que o Exército produz sobre sua presença nas favelas, em dispositivos midiáticos chancelados pela instituição. A segunda está ligada às produções dos atores sociais individuais: a imagem do Exército percebida pelos cidadãos que convivem com a rotina da operação, que resulta em produções amadoras postas a circular. Por último, a imagem produzida nos dispositivos midiáticos geridos sob o sistema produtivo reconhecido como jornalístico: o registro a partir dos critérios de noticiabilidade, que circula nos tradicionais meios de comunicação. A essa última instância denominamos mídia canônica³.

Essa diversidade produtiva constitui-se de indícios desconexos. Diferentes imagens construídas a partir da irrupção de um acontecimento que deflagra matrizes de interpretação concorrentes. Contudo, se considerarmos que as três instâncias produtoras convivem em um mesmo espaço intermediário, passamos a correlacioná-las em uma atmosfera tensional. Nesse mesmo espaço, também encontra-se a imagem do Exército, em uma espécie de estado prévio à irrupção do acontecimento, aguardando que essas novas construções a afetem. Estamos diante do cenário de uma disputa intermediária pela construção da imagem do Exército por ocasião de sua saída do Complexo da Maré.

Analisemos tais estratégias produtivas postas a circular e os caminhos percorridos por tais imagens para além dessas operações tentativas. Um exame sobre as possíveis relações que se efetuam no âmbito da circulação, a partir de movimentos de aproximação, confluência, troca, concorrência, uso e apropriação, entre outros que podem estimular ainda mais o diverso. Antes disso, uma breve retomada de alguns fundamentos teóricos importantes que

² A F Pac tinha como missão preservar a ordem pública e a incolumidade das pessoas e do patrimônio da cidade do Rio de Janeiro. O trabalho dos militares consistia em três ações principais: patrulhamento ostensivo, prisão em flagrante e revista de pessoas e veículos.

³ Essa denominação trata-se apenas de uma preferência pessoal do autor pela classificação indicada. As notícias que se enquadram em um sistema produtivo específico e reconhecidas como publicações jornalísticas poderiam ser enquadradas sob outras nomenclaturas.

Porém, quando usamos o termo canônico queremos dizer que há um conjunto de dispositivos que seguem de maneira naturalizada as mesmas regras instituídas pelo jornalismo, de um lado, e por aspectos corporativo-econômicos, de outro.

Tais regras resultam em lógicas que determinam o funcionamento desses dispositivos.

nos auxiliam, não como um aparelhamento inquestionável que nos permite apenas o mero encaixe do caso em questão, mas como oportunidades de problematização e complementação de ângulos ainda não contemplados em tais aportes.

2 A imagem institucional sob a ótica da mediação

Em uma reflexão sobre as múltiplas relações entre os mais diversos atores e a imagem de uma instituição/organização, entendemos que a imagem em disputa de nosso caso não diz respeito a um único momento em si. Muito menos está restrita ao final da missão da Maré. A imagem institucional, no caso a do Exército Brasileiro, está relacionada a todo um contexto histórico. Uma série de imagens percebidas, reconhecidas, interpretadas por diferentes sujeitos ao longo do tempo que, somada às imagens percebidas na Maré, constitui um fluxo contínuo de afetações sobre a imagem da instituição. Partindo dessa abordagem, nos afastamos das perspectivas mais adotadas na literatura ligada às práticas profissionais, que valorizam em demasia a instrumentalidade. Entendimentos da imagem de uma instituição como um reflexo de sua identidade ou como uma técnica de gerenciamento de impressões, por exemplo, são insuficientes quando consideramos a imagem institucional como uma complexa construção, que abrange a participação inter-relacionada de diversos atores e instituições, embebida em um contexto histórico/cultural. O fato de a imagem institucional figurar como algo impossível de ser unicamente controlado por qualquer ator ou instituição não impede sua análise e interpretação, ou ainda o exercício de intervenções sobre ela.

Nosso caso parte da observação de uma diversidade produtiva concorrencial que atravessa a imagem de uma instituição. Uma singularidade que nos permite uma aproximação com o fenômeno da mediação, a partir da incidência de seus processos na circulação de imagens. Para Rosa (2014, p. 28), “pensar as imagens hoje é pensá-las na ambiência da mediação, uma vez que os processos sociais estão atravessados pelas lógicas de mídia”. A ambiência da qual a autora fala é a de um fenômeno em processo. Fato que nos permite o esclarecimento do conceito percebendo-o em sua própria processualidade. Dessa forma, nossa proposta é resgatar lógicas de transição da mudança de uma sociedade dos meios para uma sociedade em mediação.

Segundo Fausto Neto (2008, p. 92), a mediação estruturou-se nas “profundas e complexas alterações na constituição societária, nas suas formas de vida, e suas interações”. Mas que alterações foram essas, que colocaremos à prova em nossos empíricos? Começamos pela sociedade dos meios, das mídias ou midiática. Nela, os meios ocupavam posição central. Legitimados como os responsáveis pelo papel da mediação, em virtude do domínio das técnicas e lógicas midiáticas, os meios estruturavam a sociedade que, conseqüentemente, funcionava

conforme suas dinâmicas de instrumentalidade. O campo midiático estava autonomizado (RODRIGUES, 2000) como articulador da matriz societária. Nesse engendramento, os diferentes campos sociais eram atravessados por essa tarefa organizadora, na medida em que os meios podiam permear, transpor ou se expandir entre as fronteiras, em virtude de sua natureza tecno-simbólica.

Nas disputas por conferência de sentido da sociedade midiática, atores e campos sociais estavam obrigados a recorrer ao campo midiático para exporem seus saberes, suas visadas, seus discursos. A mídia, que definimos hoje como canônica, tematizava a seu modo o que estava fragmentado, falando de tudo, de um modo acessível a todos. Ocorre que, nas últimas décadas, a sofisticação dos meios de comunicação (GOMES, 2013) potencializou os processos de comunicação. Os atores e campos sociais passaram a perceber que poderiam escapar dessa dependência dos meios. O que precisariam fazer? Dominar as técnicas e lógicas midiáticas.

Fausto Neto (2008) destaca que os fenômenos técnicos emergiram e foram transformados em meios, através dos desvios na ação do próprio homem. Assim, oferecem-se condições de uso ou apropriação das técnicas midiáticas, gerando novas formas de interação e repercutindo nas formas de vida e na constituição societária.

Já estamos tratando de uma sociedade em midiatização, em que as técnicas e lógicas midiáticas estão disponíveis a todos. Com isso, os meios perdem sua posição central, de superintendência das relações. Esse “controle” passa a ser partilhado, difuso, pois a midiatização dissipa aquele elo organizador. Os espaços fronteiraços agora são fluidos e os atravessamentos entre os campos sociais seguem novos movimentos. As estruturas rígidas perdem força para os processos, no caso, os midiáticos, pois o tecido social está agora todo atravessado por uma cultura de mídia (FAUSTO NETO, 2008). A matriz societária está redinamizada e reorganizada pela midiatização que, de acordo com Braga (2006), figura como um processo interacional de referência. Isso porque os “[...] processos de interação mediatizada passam a incluir, a abranger os demais, que não desaparecem mas se ajustam.” (BRAGA, 2006, p. 2).

Em uma ambiência de livre acesso às lógicas e técnicas midiáticas, todos produzem e consomem ao mesmo tempo. O fenômeno atinge a todos atores e campos sociais, em decorrência das mutações nos processos sócio-técnico-discursivos (FAUSTO NETO, 2008). Produtores e consumidores convivendo em uma mesma realidade rompem com a linearidade na comunicação, o que nos convida a uma visita ao conceito de circulação.

Esse conceito por muito tempo foi tratado de forma naturalizada nos estudos da comunicação, como um simples intervalo, uma zona de passagem. Sob o ângulo da midiatização, a circulação abandona de vez a linearidade para se tornar um complexo dispositivo sob lógicas de interface (FAUSTO NETO, 2010). Como diz Fausto Neto (2013, p. 55), “a circulação desponta como um território que se transforma em lugar de embates de várias ordens, produzidos por campos e atores sociais”. Para o autor, a produção de sentido passa a se

dar em um feixe de relações. O que nos faz entender que produção e recepção se encontram e desencontram (e até trocam de papéis) em uma rede de fluxos transversais, baseada na interação entre dispositivos midiáticos (FERREIRA, 2013) e na continuidade desses circuitos (BRAGA, 2012), fazendo da pluralidade de lógicas uma realidade que fomenta a produção de sentido.

E de imagens. A circulação midiaticizada nos oferece pistas para a problematização de nosso caso. A construção da imagem de uma instituição é potencializada pelo embate de sentidos alçado ao plano intermediário, em que os diferentes participantes disputam em condições simétricas, sob um regime de interfaces que promove a mútua afetação e, até mesmo, a inversão de papéis. Essa é a imagem do Exército que deixa a Maré, (des)construída a cada circuito ou dispositivo midiático, e que seguirá em um fluxo sempre adiante.

3 A heterogeneidade da disputa intermediária

Eleger a midiaticização como ângulo de entrada para nossa abordagem da imagem institucional implica em compreender como essa imagem circula. Em uma ambiência de ascensão de diferentes indivíduos (CARLÓN, 2013) e dispositivos, torna-se necessário um olhar sobre a heterogeneidade produtiva acerca dessa mesma imagem. Começamos, então, a examinar a disputa intermediária que inferimos, analisando algumas imagens produzidas sobre a saída do Exército do Complexo da Maré, no final do mês de junho de 2015.

⁵ FREITAS, Sidnéia. Formação e desenvolvimento da opinião pública. Portal RP. Disponível em: <http://migre.me/1NgdF>. Acesso em: 15 set. 2015.

Figura 1



Fonte: Exército Brasileiro (2015)

A imagem acima é uma publicação da esfera institucional, postada no *Twitter* oficial do Exército Brasileiro em 29 de junho de 2015, dia anterior da retirada das tropas da Maré. Percebe-se a proposta de uma boa relação entre os militares e os moradores da Maré até os últimos momentos da pacificação. A construção sugere que essa relação foi uma conquista, a partir de ações como a da imagem acima.

Destacam-se alguns indícios do amadurecimento da instituição na tentativa de domínio das técnicas midiáticas. O primeiro é o fato da utilização do *Twitter* como um amplificador interacional, procurando dar maior visibilidade a uma matéria originalmente publicada no portal oficial do Exército. Isso é fruto de algum tipo de avaliação, em que se chega à conclusão de que tal dispositivo gera maior visibilidade na inscrição de imagens e discursos. Contudo, ao mesmo tempo em que esse movimento revela um indício de amadurecimento, lacunas se apresentam nessa tentativa de evolução do processo comunicativo. O *Twitter* do Exército não está integrado a todos dispositivos que a instituição se utiliza, tampouco a todas ações comunicativas. Além disso, mesmo com o potencial de visibilidade e interação, ele não supera o limite de dispositivo “condutor”. Isso porque a instituição apenas assiste às curtidas e redirecionamentos, ficando alheia às interações que surgem a partir de suas inscrições. Dessa forma, a instituição dá um passo no amadurecimento da técnica nesse movimento isolado, mas pouco avança em uma estratégia coordenada de discurso imagético.

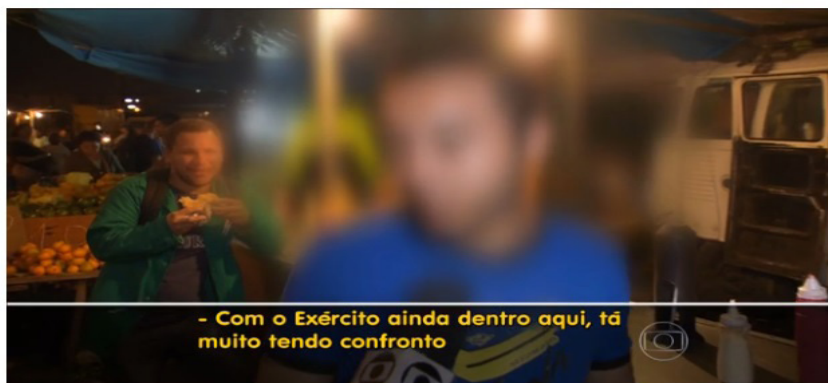
O emprego da *hashtag* é mais uma mostra de como o institucional procura adequação às práticas que dão resultado nas produções das outras instâncias. Trata-se de uma convocação digital para ser ou pertencer à “mão amiga”. Há numa coisa simples, uma lógica mais ampla que é da *web*, da qual o institucional se vale para dar sentido à sua causa na Maré. Outro indício de “amadurecimento midiático” é o personagem Recrutinha (*gimmick* oficial do Exército), que substitui o soldado fortemente armado e equipado que está nas ruas. Em resumo, a imagem como um todo sugere que a tranquilidade e a normalidade fazem parte da rotina da Maré nesses últimos momentos da operação. Uma imagem de sucesso.

Figura 2

Edição do dia 23/06/2015
23/06/2015 08h32 - Atualizado em 23/06/2015 08h32

Força de Pacificação teve avanços na Maré, mas ainda enfrenta dificuldades

Presença militar reduziu homicídios e desbloqueou vias fechadas, mas população reclama da insegurança, dos tiroteios e da morte de inocentes.



A ocupação das Forças Armadas no Conjunto de Favelas da Maré está marcada para terminar no fim deste mês. Em 14 meses, a presença militar conseguiu reduzir os índices de homicídio e desbloquear vias fechadas pelos traficantes, mas a população ainda reclama da insegurança, dos tiroteios no meio da rua e da morte de inocentes. Veja na reportagem de Mônica Teixeira e Felipe Wainer.

Fonte: Portal G1 (2015)

A figura 2 é uma construção da mídia canônica, publicada no portal G1, uma semana antes da saída dos militares da Maré. Como podemos verificar no título e na linha de apoio da matéria, os dados oferecidos pelo Exército são divulgados pela instituição jornalística. Mas, de acordo com as regras desse sistema produtivo, algo ainda faltava: ouvir o outro lado da história. A expressa maioria das matérias que trataram do processo de retirada das tropas da Maré realizou movimento semelhante. Uma exposição dos dados positivos da passagem do Exército pelas comunidades seguida de depoimentos (ou vídeos amadores) dos moradores que, ou minimizavam tais informações, ou as contradiziam.

A figura acima exhibe claramente esse movimento. O esforço do trabalho das tropas na Maré não é negado. Nem mesmo os avanços que foram atingidos. Mas entre tais avanços e a sonhada conquista de um território verdadeiramente pacificado há um hiato considerável. O morador entrevistado na matéria fala o que a mídia canônica não pode discursar. Sob o eufemismo de que ainda há dificuldades a serem enfrentadas e sob a guarda das reclamações dos cidadãos, a instituição jornalística quer dizer que nem mesmo o Exército foi capaz de resolver o problema da Maré. A tranquilidade de uma operação de sucesso produzida pelo institucional não é encontrada na produção canônica. A imagem institucional é, na verdade, questionada pelas instituições jornalísticas: a pacificação é um sucesso ou um fracasso? Sob a égide de um sistema produtivo regrado, a mídia canônica revela a imagem de um Exército que foi insuficiente.

Figura 3



Maré Vive

29 de junho · Editado · 🌐

Amanhã termina o período de ocupação das Forças Armadas na Maré. A Polícia Militar irá substituir os militares nas últimas dez comunidades que ainda não tiveram a troca de comando, ocupando a totalidade do Complexo.

Serão instaladas quatro UPPs, com mais de 1.600 policias nessas localidades:

- Praia da Ramos / Roquette Pinto
- Nova Holanda / Parque União
- Baixa do Sapateiro / Morro do Timbau
- Vila do João / Vila dos Pinheiros

Amanhã será um dia para ficar muito atento, pois não sabemos como irá ser essa substituição, se vai acontecer de forma tranquila ou não.

Iremos tentar manter todos informados da melhor maneira possível sobre tudo que for acontecendo.

Quem tiver qualquer tipo de informação, entre em contato, iremos tentar deixar a situação atualizada para toda a comunidade.

Podem vir por inbox ou entrar em contato pelo nosso whatsapp.

Whatsapp Maré Vive

96783-4060

Fonte: Maré Vive (2015)

A produção amadora encerra essa primeira coleção. A figura 3 é uma postagem do dia 29 de junho de 2015, da página colaborativa Maré Vive, do *Facebook*. O processo de pacificação parece nem mesmo ter deixado marcas, pois seu resultado final sequer é questionado. O que importa então para os atores sociais nesse momento de transição?

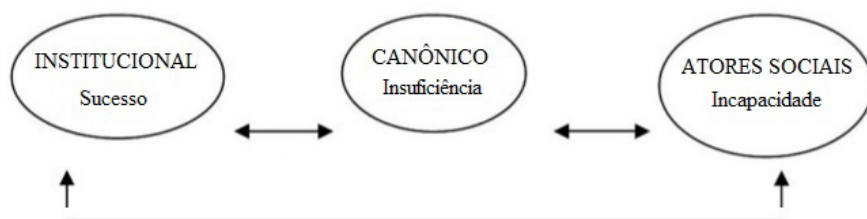
Vigilância. Ao menos, uma tentativa por parte dos atores sociais. Uma proposta de monitoramento colaborativo, em que a comunidade se autoprotege. Afinal, as preocupações do momento são outras: como o tráfico irá reagir a essa troca? Que riscos essa mudança pode trazer aos moradores? Como os homens do Exército e da Polícia Militar irão se portar nesse momento delicado?

Na imagem acima, percebemos como uma prática até então restrita às instâncias canônica e institucional (via disque-denúncia, por exemplo) é reconfigurada na apropriação das técnicas midiáticas por parte desses atores sociais midiaticizados, ganhando um potencial ainda não atingido pelos instrumentos de vigilância tradicionais. Em um dispositivo como o *Facebook*, as condições de produção e recepção das denúncias se multiplicam. Flagrantes podem ser inscritos, o tempo entre emissão e recepção é menor, etc. Como os dispositivos geralmente são colaborativos e não há uma efetiva preocupação com a edição das postagens, os atores sociais têm condições de se credenciarem como vigilantes do processo de transição, roubando até mesmo a instantaneidade do sistema produtivo jornalístico.

Os atores sociais se eximem de discutir o sucesso ou fracasso da

operação nesse momento final. O cumprimento ou não da missão, para os amadores, não está mais em questão a essa altura dos acontecimentos. Para eles, os problemas não foram eliminados na favela e os avanços obtidos podem retroceder com a nova assunção da Polícia Militar. Em resumo, para os atores sociais, o Exército deixou a Maré com uma imagem de incapacidade. Vejamos a figura 4:

Figura 4



Fonte: Elaborado pelo autor

A figura acima, baseada no esquema prógono de Verón (1997) para a análise da mediação, representa a heterogeneidade da disputa intermediária que inferimos em nosso caso. Há três diferentes imagens produzidas sobre a saída do Exército da Maré. O sucesso, a insuficiência e a incapacidade são três visões concorrentes do acontecimento, que afetam um constructo maior - a imagem institucional - a partir de diferentes matrizes de interpretação. É um jogo complexo, mas que está apenas começando. Pois, como dissemos, as três instâncias coabitam a ambiência mediada. Esse terreno intermediário de disputa é, antes de tudo, um lugar que abriga relações. Sendo assim, as estratégias de produção de sentido estão propensas a contatos. Ainda que heterogêneas e concorrentes, a qualquer momento as imagens produzidas podem se encontrar na interdiscursividade, gerando novos desvios, novas estratégias e, até mesmo, novas imagens.

4A transversalidade de uma coprodução intermediária

A heterogeneidade produtiva nos revela novos lugares de fala, que nos dão pistas das novas relações que se efetuam na circulação imagética mediada. Nas imagens acima, percebemos alguns exemplos. A esfera institucional, ao utilizar o *Twitter* como vetor, procedeu com uma estratégia comum ao mundo canônico. Os atores sociais mediados sofisticaram métodos de vigilância antes restritos às instâncias canônica e institucional, além de desafiar a instantaneidade jornalística. Enquanto isso, a mídia canônica põe à prova suas próprias lógicas, usando de sua credibilidade ao jogar com as diferentes imagens percebidas para construir a sua. São as técnicas e lógicas midiáticas disponíveis e misturadas nesses espaços sobrepostos e fronteiras diluídas. O mesmo ocorre com as estratégias postas em circulação e com as próprias imagens produzidas. Vejamos:

Figura 5

Exército e Marinha entregam ao estado dossiê sobre o tráfico no Complexo da Maré

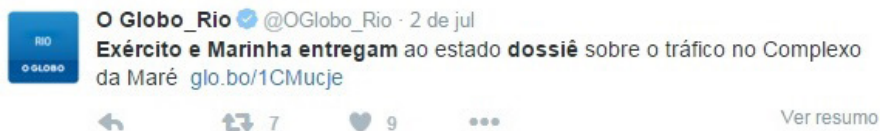
Informações incluem perfil de criminosos, rotas de fuga e vídeos. Tropas federais deixaram conjunto após um ano e três meses

POR ANA CLÁUDIA COSTA, ANTÔNIO WERNECK E WALESKA BORGES
02/07/2016 6:00 / atualizado 02/07/2016 13:34



Fonte: Portal O Globo (2015)

Figura 6



Fonte: O Globo (2015)

A figura 5 é uma matéria do portal O Globo, do dia 2 de julho de 2015, dois dias após a desocupação do Complexo da Maré. A notícia divulga a entrega às autoridades do Estado do Rio de Janeiro de um dossiê elaborado pelas Forças Armadas sobre a atividade do tráfico na região da Maré. A figura 6 é uma postagem da mesma instituição jornalística em seu *Twitter*, tratando do mesmo tema através de um link para a matéria da figura 5.

As imagens acima revelam que não são apenas as instituições originalmente não midiáticas e os atores sociais que amadurecem suas práticas na sociedade em midiatização. Quando faz uso de uma conta em um dispositivo como o *Twitter* para reforçar/ampliar sua divulgação, a mídia canônica nos dá sinais de que também vivencia um processo adaptativo. Assim como as demais instâncias, ela está obrigada a rever seu sistema produtivo, seu modo de enunciar. É uma adaptação não apenas a técnicas de mídia, das quais a instância canônica era “dona”. No contexto interdiscursivo que respeita a cultura de mídia como referência, faz-se necessário o reajuste às lógicas da própria midiatização.

Nesse cenário, os grandes emissores estão ganhando espaço e, até mesmo, vantagem em muitos circuitos novos, como *Twitter*, *Youtube* e *Facebook* (CARLÓN, 2013). O caso acima, do Jornal O Globo, é um exemplo. A instituição jornalística observa a conjuntura e revisa suas estratégias para que tenha condições de se articular entre os “novos e velhos” dispositivos midiáticos. Ao analisarmos esse novo processo produtivo, podemos notar como a comunicação massiva, rearticulada, ainda exerce sua força. Vejamos as figuras 7 e 8:

Figura 7



Fonte: Pesquisa no Twitter a partir do título da matéria do portal O Globo (Exército e Marinha entregam ao estado dossiê sobre o tráfico no Complexo da Maré)

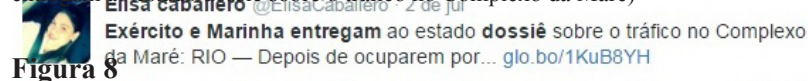


Figura 8



Fonte: Exército Brasileiro (2015)

Nas figuras 7 e 8, podemos percorrer o caminho dessas imagens midiáticas. Seguindo o fluxo da produção imagética, no caso a canônica, visualizamos alguns níveis de circulação das imagens. De acordo com a classificação elaborada por Rosa (2015), nas figuras 5 e 6 estamos diante do primeiro nível de circulação, ligado à atribuição de valor às imagens por parte das instituições jornalísticas, que passam a afetar as demais instituições e atores individuais.

Já as figuras 7 e 8 são movimentos de replicação realizados pelas instâncias dos atores sociais midiáticos (figura 7) e do institucional (figura 8) sobre uma imagem da mídia canônica. Este segundo nível da circulação demonstra um espelhamento do sentido conferido por outra instância e, mais do que isso, um acolhimento do valor dessa imagem. Nesse movimento, abre-se para a imagem replicada a possibilidade de permanência no fluxo contínuo.

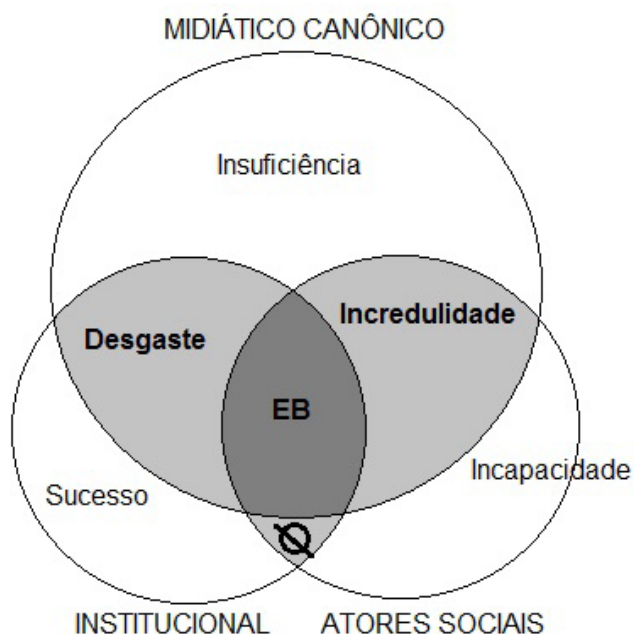
Nota-se que, mesmo em um contexto de equivalência discursiva, a força e as competências da mídia canônica não desaparecem. A matéria divulgada no portal O Globo recebeu poucos comentários no espaço do dispositivo destinado a esse fim. Porém, no espaço interacional da rede social, a matéria foi reinscrita em grande escala, adquirindo maior valor na circulação.

Mesmo com a autonomia de dona do papel da mediação diluída, a legitimidade da instituição jornalística ainda é forte. A instituição originalmente não midiática, por exemplo, não possui a credibilidade necessária para fazer circular os dados do dossiê. Necessita do suporte da mídia canônica. Os atores sociais, mesmo midiáticos, não teriam condições de acesso a tais informações institucionais. Ainda que haja condições simétricas de produção, o canônico possui competências que o colocam em vantagem sobre os demais disputantes em algumas oportunidades. O que pode não ser suficiente pois, como vimos, a divulgação midiática tradicional não alcançou grande amplitude. Foi preciso usar dos protocolos de rearticulação para que a informação massiva da mídia canônica pudesse circular. É através desses movimentos que, na sociedade midiaticizada, a mídia canônica ainda preserva sua força massiva.

A convivência das instâncias em condições igualitárias faz com que produção e consumo ganhem em complexidade. Levando-se em conta os contextos de disputa e amplitude interacional, torna-se cada vez mais difícil fazer com que a imagem produzida circule pelos dispositivos daquela maneira tomada como ideal por seu produtor. Diante disso, os disputantes deparam-se com a obrigação de elaborar estratégias inovadoras em busca de vantagem na conferência de sentido.

Contudo, na ambiência midiaticizada, as estratégias e, conseqüentemente, os sentidos e as imagens, se descolam de seus produtores e consumidores, ficando suscetíveis aos desvios. As instâncias de produção e consumo estão reconfiguradas e suas imagens-produto misturadas. Não podemos visualizar apenas os subconjuntos separadamente. As estratégias são distintas, mas as imagens produzidas estão em contínua relação. A midiaticização é justamente esse desalinho, e suas pistas estão na transversalidade.

Figura 9



Fonte: Elaborado pelo autor

É na transversalidade que enxergamos as interfaces produtivas. Examinando as relações efetuadas na circulação, partimos para além da heterogeneidade. As verdadeiras imagens mediatizadas aparecem, como nos mostra o esquema da figura 9.

Nosso caso está redesenhado, contemplando as fronteiras diluídas e as instâncias sobrepostas. Nas interfaces, as imagens que “sobram” dessa disputa. O círculo maior representa a vantagem da mídia canônica, descrita acima. Afinal, entre as imagens que analisamos, sua produção foi a mais completa (figura 2), pois contou com informações institucionais e dos atores sociais. Além disso, a imagem canônica foi replicada consideravelmente (figuras 7 e 8), adquirindo maior valor na circulação.

Por isso, as áreas de interface que envolvem a mídia canônica são maiores. Acercando-se das informações das demais instâncias, a mídia canônica se organiza, confere o próprio sentido e atribui valor, produzindo uma imagem que segue no fluxo adiante. Em contrapartida, a interface institucional-atores é muito pobre, pois não é potencializada em novos circuitos. A imagem que ali poderia ser gerada se perde na ausência de uma proposta interacional de ambas as partes (poucos redirecionamentos na postagem institucional no *Twitter* e inexistência de uma proposta de diálogo/cooperação na “convocação” amadora), por isso o símbolo da nulidade.

Entre a imagem do sucesso divulgada pelo institucional e a imagem da insuficiência canônica, o resultado é um desgaste da imagem do Exército, pois as imagens positivas propostas pela Força não encontram amparo na mídia canônica. Na outra interface, a mídia canônica abriga as imagens e discursos dos amadores, combinando a incapacidade e a insuficiência, o que gera uma imagem de incredulidade. A pacificação acaba com a imagem do Exército desgastada e incrédula. Dessa forma, a estratégia da mídia canônica predomina no encontro com as demais na circulação, a partir dos processos de atribuição de valor.

5 Sobre a atribuição de valor na processualidade

As afetações da mediatização sobre os processos de construção imagética nos encaminham para uma reflexão sobre outra processualidade, algo que é da ordem do simbólico. Isso porque a heterogeneidade e a transversalidade, combinadas, complexificam a atribuição de valor nas imagens mediatizadas, requerendo uma analítica mais complexa.

Tomemos como exemplo a produção da mídia canônica, tendo em vista que a mesma apresentou vantagem na disputa intermediática exposta nas materialidades. Na interface produtiva formada entre as instâncias dos atores sociais e do canônico, há uma espécie de convenção (PEIRCE, 2005). Entre a incapacidade e a insuficiência emerge a imagem da incredulidade. Nesse movimento, ambas as instâncias resgatam uma força simbólica (CASSIRER, 2001) que afeta a imagem institucional. Em conjunto, é trazido para a disputa o símbolo da falência das instituições nacionais.

Segundo Merleau-Ponty (2004), nossa visão se faz no meio das coisas,

na contextura do mundo. As imagens produzidas na interface canônico-atores são exemplos do pensamento do autor. Pois elas retomam o fracasso das instituições públicas no combate ao narcotráfico no Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, retomam o descrédito das instituições públicas como um todo no país. Até mesmo o Exército, que não costuma ter sua imagem vinculada a escândalos, já carrega essa imagem da incredulidade em dois acontecimentos: na pacificação do Complexo do Alemão e agora na Maré.

Os símbolos, quando resgatados pelas instâncias que disputam a elaboração imagética, abandonam domínios de experiências e cruzam fronteiras, ficando expostos às interações. Vulneráveis na paisagem circulatória, alguns se destacam, outros não, dependendo do contexto em que aparecem. Para que uma força simbólica atribua valor às imagens em processo produtivo, lógicas midiáticas estão sendo mobilizadas, sempre com foco no potencial de circulação. Vejamos a figura 10:

Figura 10

BRASIL | SEGURANÇA

O medo de volta ao Complexo do Alemão

Depois de ordens de traficantes para fechar o comércio e de tiros durante uma corrida de rua, semana começa tensa no conjunto de favelas

© 27/05/2013 às 12:17 - Atualizado em 27/05/2013 às 16:45

[Compartilhe no Facebook](#) [Compartilhe no Twitter](#) [Compartilhe no Google+](#) [Enviar por e-mail](#)



12 Militares trocam tiros no Complexo do Alemão (Foto: Paulo Jacob/Agência O Globo/VEJA)

Fonte: Portal Veja (2013)

Ela representa esse símbolo da descrença nas instituições brasileiras. Como dissemos, do mesmo modo que o Exército deixa a Maré, desgastado e incrédulo, ele deixou o Complexo do Alemão ao final da Operação Arcanjo (primeira tentativa de pacificação de comunidades no Rio de Janeiro). A imagem acima, do ano de 2013, parece um modelo repetido pela mídia canônica na produção das imagens de 2015. Circula, novamente, a mesma imagem de um Exército que se retira em meio à turbulência.

Essa ideia de repetição nos mostra que a processualidade simbólica não começou na Maré. Os símbolos convocados nas produções imagéticas de hoje já apareceram, foram replicados e restringiram muitas outras construções. Por isso a sensação de que já vimos, em algum momento, as imagens que circulam hoje, como no exemplo acima. Consequentemente, os sentidos também são resgatados. No Complexo da Maré, a processualidade simbólica tem sua continuidade. A reproduzibilidade na circulação garante um valor cada vez maior para essas imagens simbólicas, tornando-as referências. Segundo Rosa (2014), são essas imagens exógenas (oriundas da mídia) que irão compor nosso imaginário. Nossa relação com as estruturas do social, com a experiência do vivido, pode estar ligada, na verdade, ao imaginário midiático, de um não vivido.

A processualidade simbólica em um contexto midiático nos leva a um paradoxo. Em meio à potencialização das interações e à profusão de imagens produzidas, como podemos estar diante de imagens que se repetem, de estruturas que excluem outras possibilidades de representação? Como se formam imagens simbólicas que exercem dominação? A resposta pode estar justamente nos dois eixos que trabalhamos. A heterogeneidade permite que os símbolos, disponíveis na circulação, sejam convocados por qualquer instância disputante. Ao mesmo tempo, a transversalidade faz com que o símbolo, vulnerável aos desvios da circulação, seja construído em jogo, e não apenas por um ou outro jogador (ROSA, 2014).

Dado o exposto, verifica-se que a processualidade simbólica permanece afetando as imagens midiáticas. Contudo, nas interfaces os símbolos são trabalhados segundo lógicas midiáticas (e de midiática), possibilitando sua convocação de forma estratégica. Em nosso caso, o Exército deixa a Maré com a imagem da incredulidade porque foram resgatadas pela mídia canônica estruturas do social que se articularam de maneira mais eficaz no constructo maior da imagem institucional. O Exército parece deixar a Maré da mesma forma que deixou o Alemão, com uma construção imagética que as imagens institucionais não conseguiram desarticular. Uma espécie de barreira que envolve a imagem institucional e impede novos sentidos, e que vai se consolidando como a imagem do Exército em missões de pacificação.

6 Conclusão

Na eleição do fenômeno da midiática como ângulo de entrada para o pensamento sobre as questões comunicacionais, desloca-se a conflitualidade interacional das ruas da Maré para o plano intermediário. O cenário está potencializado, com mais disputantes em jogo e, com isso, mais imagens construídas. As materialidades revelaram que a imagem que circulou do Exército ao final da operação não foi apenas uma.

Essa observação converge com nossa perspectiva da imagem institucional. Um constructo maior, afetado por essas diferentes imagens que estão sendo produzidas, mas que engloba todo um contexto histórico/cultural da instituição que já circulava anteriormente.

Essa imagem prévia, esse contexto exposto no terreno intermediático, é atravessado por forças simbólicas. Essas estruturas provêm do social e exercem barreiras contra novas representações, mas podem ser trabalhadas de forma estratégica pelas instâncias disputantes, com base no potencial de valor na circulação que as imagens podem adquirir.

O que permite a produção dessas novas imagens a partir do uso estratégico dos símbolos é justamente a ambiência midiaticizada, heterogênea e transversal. Seu regime de interfaces, com dispositivos sofisticados e lógicas de mídia disponíveis, promove uma afetação mútua entre atores sociais, instituição e mídia canônica, que nos faz pensar além da diferença que inferimos preliminarmente. A disputa intermediática existe na heterogeneidade, pois cada instância procura legitimar seu discurso, contar sua versão da história, revelar a imagem que percebe sobre o acontecimento. Mas a transversalidade das relações midiaticizadas nos revela algo mais do que a simples acumulação de diferentes imagens. Na circulação midiaticizada, a imagem do Exército está sendo construída em um jogo de articulação dessas diferenças, em uma coprodução que é fruto de interações que respeitam as lógicas da própria midiaticização.

Contudo, quando falamos em coprodução não eliminamos necessariamente a disputa. Nessa lógica de interfaces em que a regulação do sentido é dificultada devido à mútua afetação, ninguém pode ficar alheio. Seja nas articulações entre circuitos mais estabelecidos (o institucional como fonte para o canônico) ou nos processos mais tentativos (os amadores credenciados nas redes como vigilantes), percebemos que algumas estratégias respondem melhor que outras, e que algumas imagens adquirem maior valor na circulação que outras. Uma disputa em que nenhum jogador participará sozinho. Pois, nas interfaces, não são apenas as imagens que se encontram, mas também as lógicas de cada instância. Desses encontros, algo sobra. Algo entre a disputa e a coprodução, algo entre o heterogêneo e o transversal, algo que é parte das complexas interações de uma sociedade em midiaticização.

Referências

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTI JUNIOR, J.; MATTOS, M. Â.; JACKS, N. (Orgs). *Mediação e midiaticização*. Salvador: Edufba; Brasília: Compós, 2012.

_____. Mediaticização como processo interacional de referência. In: XV ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, GT COMUNICAÇÃO E SOCIABILIDADE. Anais... Bauru: Unesp/Compós, 2006.

CARLÓN, Mario. Contrato de fundação, poder e midiaticização: notícias do front sobre a invasão do YouTube, ocupação dos bárbaros. In: *Revista Matrizes*. São Paulo, volume 7, nº 1, 2013.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas: a linguagem* (volume I). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: _____; VALDETARO, S. (Orgs). *Mediatización, sociedade y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina*. Rosário: Facultad de Ciencia Política y RRII, Universidade Nacional de Rosario, 2010.

_____. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: BRAGA, José Luiz. et al (Orgs). *Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

_____. Fragmentos de uma analítica da midiatização. In: *Revista Matrizes*. São Paulo, volume 1, nº 2, 2008.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, José Luiz. et al (Orgs). *Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

GOMES, Pedro Gilberto. Como o processo de midiatização (um novo modo de ser no mundo) afeta as relações sociais? In: BRAGA, José Luiz. et al (Orgs). *Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Experiência, modernidade e campo dos media. In: SANTANA, R. N. Monteiro de (Org). *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Revan; Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2000.

ROSA, Ana Paula da. Imagens-totens em permanência x tentativas midiáticas de rupturas. In: ARAÚJO, D. C.; CONTRERA, M. S. (Orgs). In: *Teorias da imagem e do imaginário*. Livro Compós, 2014.

_____. *De reflexos a fagias: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens*. Apresentação no Congresso Internacional de Midiatização. Buenos Aires, 2015. (A ser publicado).

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. In: *Diálogos*, Nº 48. Lima: Felefac, 1997.

Acesso exclusivo em meio eletrônico

EXÉRCITO BRASILEIRO. Exército e Marinha entregam ao estado dossiê sobre o tráfico no Complexo da Maré. 2 jul. 2015. Twitter: @exercitooficial. Disponível em: <<https://twitter.com/search?q=dossie%20exercito%20mare&src=typd>>. Acesso em: 7 ago. 2015.

_____. Força de Pacificação promove última ação social no Complexo da Maré. 29 jun. 2015. Twitter: @exercitooficial. Disponível em: <<https://twitter.com/exercitooficial/status/615510799164026880>>. Acesso em: 1 ago. 2015.

EXÉRCITO e Marinha entregam ao estado dossiê sobre o tráfico no Complexo da Maré. *Portal O Globo*. Rio de Janeiro, 2 julho 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/exercito-marinha-entregam-ao-estado-dossie-sobre-trafico-no-complexo-da-mare-16633796>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

FORÇA de Pacificação teve avanços na Maré, mas ainda enfrenta dificuldades. *Portal G1*. Rio de Janeiro, 23 junho 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/06/forca-de-pacificacao-teve-avancos-na-mare-mas-ainda-enfrenta-dificuldades.html>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

MARÉ VIVE. [*Amanhã termina o período de ocupação*]. 29 junho 2015. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/Marevive>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

NOTÍCIAS 24h. Exército e Marinha entregam ao estado dossiê sobre o tráfico no Complexo da Maré. 2 jul. 2015. Twitter: @eNoticiasWeb. Disponível em: <<https://twitter.com/search?q=dossie%20exercito%20mare&src=typd>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

O GLOBO. Exército e Marinha entregam ao estado dossiê sobre o tráfico no Complexo da Maré. 2 jul. 2015. Twitter: @OGlobo_Rio. Disponível em: <https://twitter.com/OGlobo_Rio/status/616553137462185985>. Acesso em: 30 jul. 2015.

O medo de volta ao Complexo do Alemão. *Portal Veja*. Rio de Janeiro, 27 maio 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-medo-de-volta-ao-complexo-do-alemao/>>. Acesso em: 30 out. 2015.